



RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NO ALUNO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DIALÓGICA: UMA DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

GEOGRAPHICAL RATIONALE IN STUDENTS IN THE DIALOGICAL PEDAGOGY PERSPECTIVE: A THEORETICAL-METHODOLOGICAL DISCUSSION FOR THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN THE FINAL YEARS OF BASIC EDUCATION

Daniel Rodrigues Silva Luz – UnB – Brasília - Brasil
Danieltabuleiro1@gmail.com

RESUMO:

A globalização tem influenciado nos vários campos das sociedades, inclusive na educação. Isso porque as constantes mudanças no mundo têm exigido do sujeito uma interpretação mais abstrata. A construção do raciocínio geográfico pelo professor de Geografia nas instituições educacionais tem como função compreender tal dinâmica. Esse modus operandi intelectual pode realizar inferência tanto dos eventos humanos quanto naturais. Há desafios que esse tipo de raciocínio seja desenvolvido, pois as políticas educacionais atuais, as condições estruturais das escolas e as lacunas de formação de professores tem prejudicado tal perspectiva. Assim, a pedagogia dialógica é uma estratégia que pode ser utilizada como uma possibilidade para a construção do raciocínio geográfico. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é propor a pedagogia dialógica como estratégia do professor de Geografia na Educação Básica. A abordagem qualitativa foi à escolha deste trabalho, pois as pesquisas em educação transitam entre condições concretas e abstratas. Os resultados mostraram a pedagogia dialógica um potencializar o desenvolvimento do raciocínio geográfico em virtude de se estabelecer uma relação de dialogismo no processo de ensino-aprendizagem. O professor nesse processo não é o dono da verdade, mas que a construção do conhecimento se dar de maneira negociada entre os envolvidos.

PALAVRAS CHAVES: cultura, dialogicidade, desenvolvimento.

ABSTRACT:

A globalization has influenced us several fields of societies, including in education. This is because of the constant changes in the world have demanded of the subject a more abstract interpretation. The construction of geographical reasoning by the professor of Geography in educational institutions has as its function to understand such dynamics. This intellectual modus operandi can make inferences so many two human events as natural. There are challenges that this type of reasoning is unraveled, as well as the

educational policies, the conditions of the schools, and the lacunas of teacher training that have been prejudiced. Assim, a dialogical pedagogy is a strategy that can be used as a possibilidade for the construction of geographical reasoning. Nesse sense, or objective deste trabalho e provides dialogical pedagogy as a strategic teacher of Geography na Educação Básica. A qualitative approach is foi a escolha deste trabalho, pois as educação transitam between concrete and abstract condições. The results show a dialogical pedagogy a potencializer of the development of geographic reasoning in virtue of establishing a relationship of dialogue not process of learning-teaching. O professor nesse processo não é o dono da true, more than a construction of conhecimento will be negotiated between the involved.

KEY-WORDS: culture, dialogue, development.

INTRODUÇÃO

Os sujeitos se deparam no cotidiano com uma série de questões para a realização de suas atividades econômicas, políticas e culturais. Essas o exigem uma série de raciocínios necessários para tais realizações, dentre tantos, a construção do geográfico se faz necessário porque as ações humanas se concretizam no espaço. Assim, parte-se do princípio de que não existe sociedade a-espacial (SANTOS, 2014).

Imagine-se que você precisa ir ao supermercado fazer compras e para isso irá utilizar a noção de espaço, de localizar, de distância, de escala e de território. Feito isso de forma fragmentada ou empírica terá realizado somente uma forma de raciocínio espacial na qual outras ciências também têm suas preocupações com esse tipo de espaço de acordo com sua ótica epistemológica, por exemplo, o espaço pela física é difere da perspectiva da matemática. Nesse sentido, a espacialidade do ponto de vista da Geografia se faz necessário que o sujeito identifique-os e os relacione de maneira articulada e em movimento no qual os conceitos que a estruturam como ciência lhe dar o suporte teórico-metodológico para a realização do raciocínio geográfico. Dessa forma, a função da Geografia na escola é fundamentalmente desenvolver tal raciocínio, raciocínio geográfico, no aluno para prepará-lo na sua relação com o lugar e com o mundo.

A pé da letra a palavra raciocínio significa no dicionário a “operação do espírito de que nascem as nossas opiniões” (AURÉLIO, 2018). E no dicionário filosófico de Abbagnano (2007, p. 821), esse significado quer dizer “ qualquer procedimento de inferência ou prova; portanto, qualquer argumento, conclusão, interferência, indução, analogia”.

Dado o exposto, parte-se com a concepção de raciocínio geográfico a partir do entendimento de ser uma habilidade cognitiva indivíduo em fazer analogia e inferência dos eventos humanos e naturais na qual a Geografia tem essa função de produzir conhecimentos desta natureza. E que cabe ao professor na escola, denominada de Geografia Escolar, organizar situações proposital por meio do uso dos instrumentos culturais no desenvolvimento desta possibilidade de desenvolvimento. Sendo os conceitos estruturantes (localizar, distribuir, conexão, delimitação, escala, rede, lugar, território, espaço, paisagem) os elementos norteadores que dão identidade ao raciocínio geográfico.

A relevância do raciocínio sustentado em conceitos científicos é da ampliação do campo de pensamento de maneira generalizante. Por isso, a escola tem função primordial nesse contexto, pois com o auxílio do professor o aluno poderá desenvolver tais habilidades.

Levando-se em consideração esses aspectos mencionados, vê-se raciocínio geográfico no ensino de Geografia como as operações mentais dos alunos que lhes possibilitam compreenderem e atuarem sobre as espacialidades dos fenômenos geográficos. Dessa forma, podem-se desenvolver nas práticas pedagógicas dos professores essas operações cognitivas ancoradas nas categorias de análise da Geografia enquanto ciência. Isso pode ser realizado nos espaços formativos na educação básica.

Com intuito de desenvolver o raciocínio geográfico, acredita-se que a pedagogia dialógica pode ser importante instrumento teórico-metodológico para tal construção junto ao aluno. Isso porque essa perspectiva busca estabelecer uma relação entre os conhecimentos formais e o contexto cultural do aluno. Nesses moldes, os aspectos do contexto são utilizados como uma estratégia que dar significação aos seus aspectos emocionais, culturais e cognitivos sem deixar de lado os conhecimentos científicos. Isso tudo resulta em ampliação de situações de aprendizagem como usar as situações cotidianas que o sujeito experiência como: os cheiros no ato de cozinhar, as observações empíricas das paisagens e as dramatizações de situações cotidianas, o ambiente familiar e as histórias contadas pelos ancestrais.

Assim sendo, a linguagem científica da Geografia e das suas categorias de análise é imprescindível para a construção do raciocínio geográfico no ensino de Geografia (GIROTTI, 2015). Isso é fundamental no desenvolvimento do raciocínio, pois são as categorias estruturantes, já citadas, que dão a cara da Geografia enquanto ciência e, portanto, serve de referência para a Geografia Escolar.

Contudo, o contexto de mundo globalizado tem influenciado na construção do raciocínio geográfico aliado a formação de professores e as questões internas das instituições. Nesse sentido, o professor ao inserir-se nas redes educacionais de ensino pode encontrar alguns desafios para sua atuação docente na construção do raciocínio geográfico. No entanto, as condições que se deparam não são iguais em todas as instituições/lugares e nem ocorrem de forma linear. Isso porque a educação, assim como a atuação e a produção do espaço geográfico se dar de forma dinâmica, heterogênea e no diacronismo temporal.

Dado exposto, com intuito de contribuir na elaboração de propostas de atuação no desenvolvimento do raciocínio geográfico o que instigou tal proposta de discussão foi: **como a pedagogia dialógica pode contribuir para o desenvolvimento do raciocínio geográfico nos Anos Finais do Ensino Fundamental?**

Partiu-se da suposição de que o desenvolvimento pode se dar de muitas formas e de diferentes tipos de conhecimentos, sendo o raciocínio geográfico uma dessas possibilidades que pode ser realizada no processo de aprendizagem no ensino de Geografia. Como a Geografia é uma disciplina do campo das ciências sociais da qual tanto sua produção quanto seu ensino está correlacionado à produção de um discurso. E no ensino de Geografia, conforme o PCN, em grande parte das aulas de Geografia prepondera o uso da fala do professor e do livro didático (BRASIL, 1998). Esse último é fundamental na educação básica, principalmente na pública se tratando de um país muito desigual como o Brasil, pois o acesso à leitura muito se dar pelo livro didático. Contudo, ele não pode ser o único recurso didático a ser explorado pelo professor.

Dado o exposto, o ensino dialógico pode contribuir para a construção do raciocínio geográfico, pois dar evidência a fala dos sujeitos que traz consigo conhecimentos, experiências, significados dos quais em conversação com o docente e os conhecimentos da disciplina possibilita-os se desenvolver no ensino de

Geografia.

Este trabalho está dividido em: procedimento metodológico, resultados, considerações finais e referências.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A abordagem qualitativa foi escolhida nesta discussão, pois os estudos na área da educação transitam entre os aspectos históricos e culturais. Além disso, com a atual condição de mundo, há muitas mudanças de paradigmas nas quais se optou em fazer um diálogo plural de método por acredita-se a realidade não se mostra somente por uma forma de olhar do pesquisador que vai nela aplica modelos projetado para o que ele quer ver naquele contexto (SEVERINO, 2007).

Tal defesa de utilização de viés que interagem com as questões da produção histórica e da cultura se justificam devido ao carácter dinâmico e complexo das pesquisas em educação, bem como do próprio processo que envolve o ensino-aprendizagem (TOZONI-REIS, 2009).

A pesquisa bibliográfica foi o procedimento metodológico usado porque se buscou realizar uma discussão teórica preliminar numa perspectiva dialógica entre cultura, psicologia e Geografia.

As técnicas utilizadas para se atingir o nosso objetivo deste trabalho foi: observação não sistematizada em uma disciplina numa instituição de ensino superior no Distrito Federal que tratou sobre sujeito, ensino e aprendizagem na infância, levantamentos bibliográficos, fichamentos, discussões e produção do relatório final.

RESULTADOS E DISCUSSÕES.

A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DIALÓGICA

O objetivo desta seção é definir a expressão raciocínio geográfico como uma

das principais funções da Geografia na escola pública.

A construção do raciocínio geográfico no ensino de Geografia é realizada por meio de procedimentos teórico-metodológicos utilizados pelos professores de Geografia nas instituições escolares em prol da constituição interpretativa do espaço geográfico sob a ótica das categorias de análise da Geografia (ASCENÇÃO; VALADÃO, 2014).

“O raciocínio geográfico pode ser concebido como a capacidade de estabelecer relações espaço-temporais entre fenômenos e processos em diferentes escalas geográficas” (GIROTTO, 2015, p. 71). Então, cabe à escola, um dos espaços formativos, fazer com que o aluno desenvolva a competência de estabelecer relações no sentido de entender que um evento se relaciona com o seu tempo e em determinado lugar.

O raciocínio geográfico da realidade é obtido pelo aluno por diversos meios, mas de maneira parcial (CAVALCANTI, 2012). Dessa forma, a autora enfatiza que compete à Geografia escolar instrumentalizar os discentes a articularem os saberes cotidianos com os saberes científicos. Reforça-se a ideia de se trabalhar com a realidade do aluno, pois essa possibilita é coerente por fazer parte de sua experiência empírica e, por isso, despertar um interesse em entender as relações espaço-temporais. Nesse sentido, entende-se neste trabalho que a pedagogia dialógica pode ser apropriada pelo professor de Geografia em prol da construção do raciocínio geográfico, pois traz em seu centro a discussão da cultura dos lugares e como a relação dialógica constrói possibilidades no desenvolvimento humano.

PEDAGOGIA DIALÓGICA: DISCUSSÃO PRELIMINAR

Esta subseção tem como objetivo definir o que se entende por pedagogia dialógica para o ensino. E para isso será realizada a discussão teórica inicial da perspectiva dialógica até chegar ao conceito e sua importância.

O problema relacionado à cultura passou a ser difundida a partir da difusão na América do Norte e na Europa oriundas das ideias de Luria, Vygotsky, Leontiev. Esses autores defendiam a concepção de desenvolvimento baseado no desenvolvimento mediado por instrumentos culturais (objetos e signos) construídos ao longo do tempo

por grupos sociais (ZITTOUN et al, 2007).

A teoria histórico-cultural de Vygotsky é focada no desenvolvimento dos sujeitos. Contudo, esse se dar de forma complexa num processo dialético de formação de operações mentais pelas condições socioculturais. Dessa forma, o meio sociocultural dos sujeitos é fonte para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. E essas não se pode determinarem em simples mensurações como 1, 2, 3 e nem estipular o seu tempo, pois é ininterrupto (FLEER, 2018).

O social é um aspecto que deve ser repensado no desenvolvimento, pois cria possibilidade de rompimento do dualismo entre os fatores biológicos e sociais existentes na psicologia tradicional. Dessa forma, as funções psicológicas superiores se dar da seguinte maneira, primeiro as condições sociais são postas como uma fonte para o desenvolvimento. E depois disso, a apropriação pelos sujeitos faz com que eles se desenvolvam (FLEER, 2018). Acredita-se nesta perspectiva de desenvolvimento, mas não no sentido de determinismo geográfico ou cultural, pois os sujeitos podem reagir ao que é determinado pelo meio, mas é inegável a influência dos instrumentos culturais nos indivíduos.

O desenvolvimento dos seres humanos não é algo estático ou somente biológico, mas ele é complexo e dinâmico. Esse se situa no tempo-espaco num processo ininterrupto e em movimento (FLEER, 2018). Assim sendo, a incompletude é uma das características que nos diferencia das outras espécies, uma vez que nos outros animais a sua atuação já é dada, por exemplo, uma aranha a qual não precisa de ajuda para fazer sua própria casa, pois ela já tem mecanismo e instrumentos da filogenia da espécie que lhes dar tal viabilidade. Contudo, os seres humanos precisam dos outros para se desenvolverem.

A interação é um dos elementos importantes na educação, haja vista a necessidade dos humanos em interagir com o outro para se desenvolverem. No entanto, na psicologia do desenvolvimento humano existem concepções diferentes, por exemplo, na perspectiva piagetiana o desenvolvimento impulsiona a aprendizagem. Nesse sentido, o sujeito só aprende quando seu corpo está preparado. Essa ideia difere da concepção que se concorda perspectiva histórico-cultural, porque defende a aprendizagem como motora do desenvolvimento humano (ZITTOUN et al, 2007).

O ensino dialógico é uma junção entre a teoria sociocultural e a teoria da atividade. Na primeira, defende-se que a aprendizagem desenvolvem os sujeitos (ALEXANDER, 2005). Quando o sujeito é inserido no mundo já existem condições instrumentais culturais em forma de objetos ou de símbolos que medeia à relação entre sujeito-mundo. Na segunda acepção os sujeitos se desenvolvem porque precisam se relacionar com o meio dos quais estão inseridos.

Há evidências de trabalhos em sala de aula a partir da perspectiva dialógica onde as significações partilhadas negociadas entre os sujeitos se cristalizam no desenvolvimento (ZITTOUN et al, 2007). Nessa perspectiva, a noção de capacidade não é pré-definida, pois a qualquer momento da vida o aluno poderá se desenvolver. Além disso, existe a questão da atividade do sujeito que influencia no seu desenvolvimento. Assim sendo, mesmo que ele esteja em condições desfavoráveis ele poderá se desenvolver, assim sendo, a complexidade e a dinamicidade são fatores que caminham juntos na trajetória dos seres humanos.

O adulto-professor tem um papel muito relevante de planejar e de organizar as condições de mediação pedagógica na construção dos conhecimentos. Nesse sentido, no ensino na educação básica não vai ser diferente, uma vez que o docente é o *scaffolding*, organizador proposital, entre as condições de ensino e de aprendizagem que se configura em possibilidade de desenvolvimento.

Dado o exposto, a pedagogia não é técnica de ensino e sim uma intervenção cultural intencional. Ela está associada ao ato de ensinar e aprender. E a perspectiva do diálogo é um dos instrumentos emergente diante de diferentes versões de intervenção pedagógica no desenvolvimento do ensino que vem sendo utilizado em vários países como: Inglaterra, França, Índia, Rússia e Estados Unidos (ALEXANDER, 2005).

Há uma diversidade de versões de ensino e, de acordo com Alexander (2005), cada uma tem um objetivo diferente: transmissivo, iniciação, negociação, facilitador, aceleração, técnico. Portanto, não é somente o dialógico que se é discutido, no entanto, optou-se por defender o de negociação por considerar o aluno como sujeito ativo.

Na perspectiva dialógica, a linguagem é considerada um instrumento importante na aprendizagem. Ela não só se manifesta no pensamento, mas participa

da modificação do pensamento e, portanto, do sujeito. Por isso, a escola deve dar mais espaço para que os sujeitos falem de maneira organizada e propositiva. Isso porque a fala é elemento que pode ser considerada em favor da construção dos conhecimentos e, portanto, das funções psicológicas superiores.

Os estudos dialógicos iniciaram-se no Reino Unido em 1980 com observação em sala de aula com criança, mas que extrapola tal faixa etária. Além disso, eles mostram um viés de estudo interdisciplinar, já que envolvem elementos antropológicos, sociológicos, históricos, linguísticos (ALEXANDER, 2005).

A título empírico, a fala nos processos de ensino-aprendizagem pouco teve presente na prática pedagógica deste proponente, em 2017 quando este recebeu como sugestão avaliar alguns alunos na disciplina Geografia nos Anos Finais do Ensino Fundamental por meio da oralidade se teve resistência. Com a utilização desse mecanismo percebeu-se o potencial dessa proposta pedagógica, claro, não se quer desconsiderar a escrita. Contudo, a fala é sim um mecanismo que pode contribuir no desenvolvimento humano. No caso da Geografia pode se desenvolver pela perspectiva da construção dos conceitos dessa ciência a capacidade de pensar geograficamente.

De todas as ferramentas a fala é eficaz na construção dos processos mentais superiores. Ela consegue identificar o grau de desenvolvimento em que o sujeito está e possibilita potencializar o pensamento superior. Alexander (2005, p.02) vai de encontro com essa ideia, pois concorda que a fala é um dos cerne que representa a estrutura cognitiva do sujeito e deve ser considerada na escola como instrumento no desenvolvimento humano.

A pedagogia dialógica, contudo necessita ser propositado pelo adulto, professor, para não correr o risco de ficar somente no subjetivismo e na empiria. Desse jeito, deve-se organizar o trabalho nas quais ofereçam os instrumentos de mediações pedagógicas no desenvolvimento dos sujeitos. Alexander (2005, p.03) concorda com essa concepção, pois:

[...] mas nas escolas primárias britânicas, como naquelas escolas americanas influenciadas pelo progressivismo e pela chamada "educação aberta", outro roteiro também é comum: uma sequência interminável de perguntas ostensivamente abertas que derivam do desejo de evitar o didatismo explícito, são desfocados e não desafiadoras, e são acolhidos

com elogios usuais e eventualmente fantasmas, em vez de feedback significativo (ALEXANDER, 2005, p.03, tradução nossa).

Nos Estados Unidos foi aplicado o sistema de ensino da negociação sem o hibridismo, pois foi desprezado o ensino transmissivo. Contudo, o modelo adotado pelos norte-americanos foi questionado porque gerou um relativismo extremo. Enfim, o ensino dialógico para ter um caráter científico deve ser híbrido para se puder universalizar e coletivizar (ALEXANDER et al, 2005).

A perspectiva dialógica deve levar em consideração os aspectos socioculturais dos sujeitos envolvidos, pois a discrepância em aprendizagem podem se darem pelas questões relacionadas a um conjunto de elementos como recursos escolares como infraestrutura, dinheiro gasto por aluno dentre outras. Há nos Estados Unidos, por exemplo, uma disparidade muito grande quando se remete a estudantes nativos e de origens latino e africanos (LEE, 2007). Assim, uma explicação também para déficits educacionais nas escolas dos Estados Unidos das crianças de origens afro-americanas são decorrentes dos processos de origem como o da escravidão. Por isso, as crianças mais pobres são predominantemente pretos e pardos e que elas não apresentam as mesmas condições matérias que as mais abastadas.

A PEDAGOGIA DIALÓGICA COMO UMA POSSIBILIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO

No ensino de Geografia parte-se da premissa de que como essa disciplina escolar faz parte do campo de conhecimento das ciências humanas das quais tanto sua produção acadêmica quanto o seu ensino estão correlacionado a um discurso. Em sala de aula, nas escolas públicas brasileiras conforme o PCN, a fala do professor e o uso do livro didático são práticas pedagógicas utilizadas em demasia em detrimento de uma perspectiva dialógica (BRASIL, 1998).

Dado o exposto, acredita-se que o ensino dialógico pode contribuir para a construção do raciocínio geográfico, na medida em que o professor promover no seu planejamento um espaço proposital para a fala dos sujeitos. Isso se justifica porque que eles trazem consigo para o espaço escolar conhecimentos, experiências, significados dos quais em processo de conversação intencional estabeleça-se uma

articulação com os saberes da disciplina. Dessa forma, pode-se identificar na conversação com a turma os conceitos estruturantes da Geografia e interligar com os conteúdos das aulas. Neste sentido, dar mais atividade ao aluno ao ver que ele pode construir junto com a turma os conhecimentos da educação formal.

Precisa-se recorrer aos aspectos socioculturais para a construção do raciocínio geográfico, pois se caso seja ignorado o aluno não irá enxergar conexão com que está sendo trabalhado. O exemplo de falar do continente Europeu em uma escola da zona rural na região Nordeste do Brasil onde tanto o grau de desigualdades sociais quanto aos aspectos culturais ou mesmo naturais são distantes da realidade europeia. Por isso, caso o docente não tente estabelecer nenhuma relação com os elementos constituintes do espaço geográfico desse contexto dos alunos. Isso o levará, provavelmente, para o ensino transmissivo e, portanto, com pouca contribuição para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

O professor de Geografia na sua prática pedagógica pode organizar situações propositais para a construção do raciocínio geográfico com os aspectos da realidade do aluno. Isso faz com que os conteúdos da Geografia tornam-se atrativo e, conseqüentemente, significativo.

O dia a dia do aluno é um instrumento poderoso em prol da construção dos conceitos científicos. Isso porque os conteúdos precisam fazer sentido para o aluno se não depois esse desaparecerá. Assim sendo, o ensino de Geografia deve considerar os aspectos do contexto geográfico do aluno para pode mediar à construção de conceitos.

O professor pode dialogar com aluno, por exemplo, como saber onde ele se localizar e a partir disso estabelecer uma relação com a temática a qual está sendo trabalhada em sala de aula. Assim sendo, pressuponha que ele disse que mora numa área ribeirinha na região Norte do Brasil. E partir desse ponto se o conteúdo for globalização, por exemplo, ele pode começar a problematizar essa localização, levando-o a entender que o processo de globalização pode ou poderá atingi-lo devido à questão da água doce; pois há uma pouca porcentagem desse tipo de recurso natural no planeta; e que os grandes capitalistas tentam se apoderar por em virtude do maior poder econômico, no qual acabam tendo uma possibilidade maior de detê-la. No entanto, perceber que também existem resistências e lutas na qual podem

reverter tal quadro, dessa forma, a dinâmica relacional no espaço geográfico é um campo de conflitos e esperanças.

A perspectiva da pedagogia dialógica não desconsidera a educação formal, mas mediar esses processos pelo cotidiano. Assim, o professor deve considerar os aspectos dos currículos formais da Geografia, mas dialogar com os aspectos culturais.

Utilizar a cultura como elemento de mediação é considerá-la como um conjunto de interação e de construção. Assim, ela não é somente biológica, mas, sobretudo interacional entre o sujeito e o meio em que está inserido (MATUSOV, 2007).

A Incompatibilidade cultural entre uma cultura dominante e uma dominada. Assim, o professor fica em dilema paradigma. Por isso, a dialogicidade é necessária para construção dos conhecimentos. A cultura dominante tem se caracterizado como sendo, branca, heterossexual, cristã, rico. Por isso o professor de Geografia precisa fazer um esforço em dialogar com as diferentes culturas (MATUSOV, 2007).

Contudo, essa dialogicidade precisa levar em conta o desenvolvimento do sujeito desde a infância no qual as próprias brincadeiras, dramatizações e roteiros que muitos trazem desde a infância exercem impactos na projeção do sujeito até na fase adulta (CORSARO, 2009).

Conforme o explicitado, os professores de Geografia nos Anos Finais devem buscar nos alunos que tiverem dificuldade de se desenvolver o raciocínio geográfico investigar se esse sujeito teve oportunidade ou dificuldade na infância no brincar e na interação com o mundo. Como fazer isso? A fala dos sujeitos entra nesse processo como recurso para fazer o resgate de tal processo histórico do sujeito por meio de sua narração da história de vida. Dessa forma, o professor vai identificar alguns elementos importantes para ajudar no desenvolvimento desses alunos.

Alguns elementos que também podem ser utilizados além da fala, a teatralização é dessas estratégias pedagógica que o professor de Geografia pode trazer como metodologia para a construção do raciocínio geográfico. Tendo em vista que essa vai lhe viabilizar ao exercício no ensino por meio da revisitação e ou até mesmo do contexto de desenvolvimento psicológico do indivíduo.

As emoções é outro elemento importante no desenvolvimento, pois são fundamentais para a construção do raciocínio geográfico por meio de seu uso como

recurso. Dessa forma, o drama como, por exemplo, a arte elencados no teatro pode ser apropriado pelo professor de Geografia para se trabalhar histórias, teatralização, produção de curta metragem em favor da construção do raciocínio geográfico. Isso se justifica, pois esse recurso é fundamental na construção de conceitos no aluno porque se articula o real e o imaginário na qual facilita nos processos de atividades mentais que se concretizará no desenvolvimento do discente (FLEE, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino dialógico é uma junção da teoria sociocultural vygotskiana com a teoria da atividade de Leontiev. No entanto, as pesquisas nos países como Estados Unidos, Inglaterra e França é que ainda existe a manutenção do modelo tradicional de discurso do professor. Ele domina todo o tempo e pouco encoraja os alunos a participarem da aula. No entanto, é importante ressaltar a lentidão em mudanças na educação. Por ser um processo social, portanto, até se tornar realidade tem passado por diversas questões (ALEXANDER et al, 2005).

A pedagogia dialógica mostrou-se um instrumento pedagógico pode potencializar o desenvolvimento do raciocínio geográfico no aluno em virtude de se estabelecer uma relação de dialogismo no processo de ensino-aprendizagem. Nesse processo o professor não é o dono da verdade, mas que a construção do conhecimento se dar de maneira negociada entre os envolvidos. Isso pressupõe considerar os sujeitos em sua concretude seja ela biológica ou psicossocial.

O raciocínio geográfico na perspectiva dialógica pode ser desenvolvimento utilizando-se diversas estratégias de ensino, mas que sejam dialogadas a partir da realidade do aluno. Assim sendo, o professor de Geografia pode usar dramatização, história de vida, acontecimentos do cotidiano, emoção e fala dos sujeitos em prol de construir junto o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio. **Professor de**

Geografia: entre o estudo do fenômeno e a interpretação da espacialidade do fenômeno. In: Colóquio Internacional de Geocrítica. Barcelona: Universidad de Barcelona, Anais Eletrônicos, 2014. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2014/Valerie%20de%20Oliveira%20y%20Roberto.pdf> Acesso em: 30 de Novembro de 2017.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** Tradução Alfredo Bossi. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALEXANDER, R. **Education, Culture and Cognition: intervening for growth** International Association for Cognitive Education and Psychology (IACEP). In: 10th International Conference, University of Durham, UK. 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA.** Campinas, SP: Papirus, 2012.

CORSARO, C. **Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças.** In: F. MÜLLER & A. M. A. CARVALHO. Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. (Orgs.) São Paulo: Cortez Ed. (pp.71-79). 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário/Raciocínio.** Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/raciocinio>. Acesso em, 25 de Fe. 2018.

FLEER, Marilyn; VERESOV, Nikolai. **Cultural-Historical and Activity Theories Informing Early Childhood Education.** In: International Handbook of Early Childhood Education. Springer, Dordrecht, 2018. p. 47-76.

_____. **Theorising play in the early years.** Melbourne: Cambridge University Press. 2014.

GIROTTO, Eduardo Donezeti. **ENSINO DE GEOGRAFIA E RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO:** as contribuições de Pistrak para a superação, Revista Brasileira de Educação, v.5, n.9, p.71-86, 2015.

LEE, Carol. D. **Culture, Literacy and Learning: Taking Blooming in the Midst of the Whirlwind.** 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica . - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.**

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MATUSOV, Eugene, Smith, M., Candela, M. A. & Keren, L. **Culture has no internal territory: culture as dialogue.** Em VALSINER, Jaan & ROSA, Alberto (Orgs.). Cambridge Handbook of Socio-Cultural Psychology (pp.460-483). New York: Cambridge University Press , 2007.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa.** 2.ed. Curitiba:IESDE Brasil, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** -23. ed. rev.atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço; técnica e tempo.** Razão e Emoção. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

MATUSOV, Eugene, Smith, M., Candela, M. A. & Keren, L. . **Culture has no internal territory: culture as dialogue.** Em VALSINER, Jaan & ROSA, Alberto (Orgs.). Cambridge Handbook of Socio-Cultural Psychology (pp.460-483). New York: Cambridge University Press , 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** tradução de Paulo Bezerra. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ZITTOUN, T; MIRZA, N.M; PERRET-CLERMONT, A. **Quando a cultura é considerada nas pesquisas em psicologia.** Educar, Curitiba, n.30, p. 65-75, 2007.

Daniel Rodrigues Silva Luz - Mestrando em Geografia, Universidade de Brasília (UnB), Graduado em Geografia, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Especialista em Gestão Educacional, Faculdade Apogeu, professor da Educação Básica desde 2008 e membro do grupo de pesquisa GEAUF-UnB.

Recebido para publicação em 05 de junho de 2018.

Aceito para publicação em 23 de julho de 2018.

Publicado em 24 de novembro de 2018.